Data: 17.11.2021

Titulo: A PANDEMIA ACABOU OU NÃO?

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 1;2;3;32

Área: 1196cm²/ 34%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7275182

A PANDEMIA ACABOU OU NÃO?

// Especialistas dividem-se. Pedro Simas diz que sim, mas as opiniões contrárias são muitas
// "Todas as doenças que estão entre nós estão entre nós há muitos anos, tiveram muito tempo para estabilizar a sua dinâmica. A covid-19 é uma doença que nasceu ontem, é uma doença bebé. Ainda estamos longe de perceber o que será a sua dinâmica normal", diz ao i Manuel Carmo Gomes
// Uso obrigatório de máscara na rua de volta // **PÁGS. 2-3 e 32**

Data: 17.11.2021
Titulo: A PANDEMIA ACABOU OU NÃO?
Pub:
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 1;2;3;32
Área: 1196cm²/ 34%
Tiragem: 16.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7275182

Radar

"A covid-19 ainda não é uma doença estável"

A pandemia acabou em Portugal? O virologista Pedro Simas foi categórico, peritos contestam e respondem por que é cedo para o afirmar e para deixar o SARS-CoV-2 espalhar-se.

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

Mais doença, maior afluência às urgências, mais mortes. É sempre assim nos invernos, até à covid-19 dominados pela gripe, que abre a porta a outras infeções respiratórias e pneumonias, e pelas consequências do tempo frio, que aumenta descompensação de doença crónica, o risco de AVC e outras doenças agudas com a contrição vascular e a própria circulação de vírus, menos expostos a radiação e com os hospedeiros (nós) tendencialmente mais em espaços fechados. Com a evolução do SARS-CoV-2 para um vírus endémico, o que é normal esperar? O aumento de diagnósticos que se está ver nas últimas semanas já pode ser considerado o comportamento expectável do vírus numa situação de endemia, em que o novo vírus continua a circular sem nunca ser erradicado?

Em vésperas de uma reunião do Infarmed, o virologista Pedro Simas foi categórico: na *SIC* na segunda-feira à noite, depois de surgir no ar a diretora-geral da Saúde a reiterar que a pandemia ainda não acabou, disse precisamente o contrário, recusou a necessidade de novas medidas e avançou com números: "Sabemos que em média, no mundo, as pessoas contraem duas a três infeções superficiais das vias respiratórias por ano, multiplicado por 10 milhões portugueses, são 20 a 30 milhões de infeções por ano. Se fosse distribuído igualmente pelos 365 dias do ano, que sabemos que não é, são 55 a 82 mil infeções por dia. Sabemos que o vírus da gripe contribui para estas infeções com 5% a 15%, no caso do coronavírus 10% a 15%. O que é normal então é ter pelo menos 5 a 12 mil infeções por dia. Parece muito, seria muito numa situação pandémica, neste momento não é preocupante porque estamos protegidos com a vacina", afirmou. Ao *i*, mantém que a covid-19 não está com o crescimento exponencial, clarificando que a comparação é com o inverno passado antes das vacinas, e que o vírus deve circular para se manterem os níveis de imunidade na população, defendendo no entanto que a população mais vulnerável continue a usar máscara.

Ouvidos pelo *i*, especialistas refutam a ideia de que não está a haver um crescimento exponencial e alertam que, embora com menor severidade do que no ano passado, a pandemia não acabou no mundo, nem em Portugal, que não está "numa bolha". Com o risco de sobrecarregar os serviços de saúde e prejudicar ainda mais os doentes não covid-19 a justificar "prudência" e manutenção dos cuidados e barreiras que controlem a disseminação da infeção ao ponto de sobrecarregar o SNS.

COMO SERÁ UM INVERNO NORMAL COM COVID-19? É cedo para saber, concordam Manuel Carmo Gomes, epidemiologista e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e Gustavo Tato Borges, vice-presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública, rejeitando as estimativas avançadas por Pedro Simas com base nos indicadores de incidência de outros coronavírus com que o Homem convive há séculos.

"Temos doenças endémicas epidémicas e doenças endémicas não epidémicas, por exemplo a gripe e a tuberculose, respetivamente", começa por separar Carmo Gomes, considerando que no caso das doenças endémicas epidémicas, há uma pre-

Data: 17.11.2021
Titulo: A PANDEMIA ACABOU OU NÃO?
Pub:
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 1;2;3;32
Área: 1196cm²/ 34%
Tiragem: 16.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7275182

Aumento de casos de covid-19 é considerado pelos peritos de exponencial a partir do momento em que se mantém uma constante

MARALDA GOMES

visibilidade no seu comportamento, por exemplo sazonal, que na covid-19 ainda não se verificou, com grandes surtos a ocorrer de verão ou inverno.

Além disso, verifica-se um aumento exponencial de infeções, insiste. "Neste momento estamos com um aumento médio de casos de 5% por dia, o que significa que em cada dia há mais 5% de casos do que no dia anterior. Esta é a definição de crescimento exponencial, um crescimento constante, que começa por ser muito suave e depois explode. A covid-19 está em crescimento exponencial desde o princípio de outubro, há cinco semanas e meia, só que agora é que começamos a ver a fase explosiva ", sublinha.

Aqui há logo uma diferença para a gripe e para outras infeções respiratórias a que estávamos "habituados" no inverno, cuja intensidade de circulação começa mais tarde, em meados de novembro, atingindo um pico no início de janeiro/fevereiro. A nova vaga de covid-19 começou antes da chegada do tempo frio. E a repercussão em doença grave e internamentos, menor que no ano passado, mantém-se maior do que a gripe e dos outros coronavírus que já circulavam.

O vírus influenza nunca foi diagnosticado da mesma forma que a covid-19, com testes tão acessíveis, mas os doentes graves aparecem regra geral nos hospitais e são diagnosticados, diz Carmo Gomes. Neste momento, mesmo com a vacinação, há 80 internados com covid-19 em cuidados intensivos. Na última época de gripe sazonal antes do SARS-CoV-2, 2019/2020, foram hospitalizados ao longo de cinco meses 121 doentes com gripe em UCI e em alguns anos chegam a 200, mas vão pouco além disso. "Até meio de agosto de 2021 tinham sido internadas cerca de 63 000 pessoas com covid-19 das quais 6800 em UCI. Neste momento temos quase 18 300 óbitos. Passou menos de dois anos. A gripe faz isto?", insiste Carmo Gomes, sublinhando por que motivo é preciso continuar a encarar a doença com prudência e insistir no reforço da vacinação da população em maior risco, maiores de 65 anos. "Vai haver uma altura em que a covid-19 se torna uma doença endémica, epidémica e mais previsível. Neste momento continua a ser imprevisível e não está estável. Todas as doenças que estão entre nós estão entre nós há muitos anos, tiveram muito tempo para estabilizar a sua dinâmica. A covid-19 é uma doença que nasceu ontem, é uma doença bebé. Ainda estamos longe de perceber o que será a sua dinâmica normal. Acho que vai ser uma doença endémica, que poderá ter epidemias sazonais, mas não sei dizer o que poderá ser uma epidemia normal sem estabilizar primeiro, sem percebermos o impacto da vacinação e estamos agora a revacinar porque se percebe que em especial nos mais velhos a protecção diminui rapidamente", sublinha.

Gustavo Tato Borges é também taxativo: "Ainda estamos em pandemia. Os efeitos na nossa saúde são menores porque felizmente temos uma população que aderiu de forma extraordinária à vacinação, agora em termos epidemiológicos há um aumento exponencial de casos e estamos a assistir a uma nova onda. É necessário continuar a olhar para a doença de forma especial até porque continua a haver a ameaça de novas variantes. Não estamos num planalto de infeções, estamos claramente num crescendo", sublinha.

Peritos rejeitam ideia de que pandemia já tenha acabado em Portugal

MANTER ESTADO DE ALERTA Para Tato Borges, há uma falha nas estimativas de Pedro Simas: "Parte do pressuposto de que as 5 mil a 12 mil infeções eram todas diagnosticadas e olha para esta realidade de 2 mil casos por dia como sendo um todo da doença, quando sabemos que encontramos uma percentagem pequena. Além disso, é preciso perceber o que significam esses casos em termos de internamento e sobrecarga nos serviços de saúde. O SARS-CoV-2 não se comporta como os coronavírus que conhecíamos", salienta.

Admitindo que de uma "perspetiva exclusivamente virológica" possa fazer sentido o que diz Pedro Simas, em termos práticos e populacionais a pandemia continua a ser um problema: "No próximo ano à partida teremos vacinas mais eficazes de segunda geração. O processo natural de tornar endémico um vírus demora muito tempo. Desta vez tivemos a vantagem de união da comunidade científica e farmacêutica no desenvolvimento de vacinas e medicamentos, o que antigamente demoraria décadas. Foi uma mais-valia, mas isso não acelerou o processo de tornar endémico o SARS-CoV-2. No futuro, poderemos vir a ter mais uma etiologia de um síndrome gripal, mas não agora. Daqui, a ano, dois, três, talvez, mas neste momento precisamos de manter um elevado estado de alerta", apela.

Quanto a medidas, concordam que é importante sobretudo acelerar o reforço da vacina, reforçar o uso de máscara e reduzir lotações, por exemplo em estádios. "Penso que podemos resolver isto sem confinar mas adotando medidas que restrinjam contactos, sem que isso afete muito a nossa vida social e economia", diz Carmo Gomes, sublinhando que a evolução de doentes em UCI, já acima de 30% da linha vermelha definida para evitar afetar outros doentes e suspender cirurgias, será o indicador mais crítico.

Data: 17.11.2021

Titulo: A PANDEMIA ACABOU OU NÃO?

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 1;2;3;32

Área: 1196cm²/ 34%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7275182

Marcelo quer regresso de uso de máscara na rua

O Presidente da República defendeu esta terça-feira que deve ser reposto o uso obrigatório de máscara na rua. "Isso, claro, é evidente", afirmou, rementendo decisões para depois da reunião no Infarmed marcada pelo Governo para a próxima sexta-feira. "Vamos ponderar calmamente, serenamente. Temos uma vacinação que não tínhamos. E depois se atuará em conformidade", acrescentou Marcelo Rebelo de Sousa. Esta semana, a diretora-geral da Saúde já tinha lamentado o facto de os adeptos que assistiram ao jogo de Portugal não terem usado máscaras. Também a Ordem dos Médicos já defendeu o regresso do uso de máscaras. Já o Governo admite voltar a tornar obrigatório o teletrabalho. António Costa disse ontem estar preocupado com a evolução da pandemia, mas afastou "medidas como tivemos no passado".